

CONTRIBUIÇÕES DO JOGO E DO ESPORTE PARA A CORPOREIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

CONTRIBUTIONS OF GAMES AND SPORTS TO THE CORPOREITY OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

CONTRIBUICIONES DE JUEGOS Y DEPORTES PARA LA CORPOREIDAD DE NIÑOS Y ADOLESCENTES

Wagner Wey Moreira¹

weymoreira@uol.com.br

RESUMO

Neste século, os temas motricidade, movimento, jogos e esportes continuam merecendo a atenção de educadores, especialmente quando associados à escola formal e destinados às crianças e aos adolescentes. Daí uma das razões do presente texto, destinado a demonstrar a importância da vivência de jogos e esportes para a incorporação do sentido e da atitude da corporeidade em alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, contribuindo para uma educação mais prazerosa, lúdica, em que a aprendizagem não seja enfadonha, desmotivante, podendo os discentes exercerem sua capacidade de se movimentar, de estarem juntos para a busca da cidadania. Lutar para que professores na escola entendam e trabalhem a corporeidade do aluno é buscar uma educação de corpo inteiro, deixando de lado apenas o sentido de controlar e de disciplinar o corpo. Na escola, a corporeidade aprendente está vinculada à possibilidade de ensinar e defender valores atrelados ao aperfeiçoamento moral, ético, estético, técnico, crítico, na tentativa de deixar as relações dos homens mais humanas. É fundamental, no tempo presente, que o ato de educar contemple a complexidade do pensar e desmonte a racionalidade hegemônica calcada na ordem, no determinismo, na objetividade e no controle. Para isso impõe-se que a corporeidade seja educada levando em consideração a teoria dos jogos, na qual está presente a integração de eventualidades e determinismos, ordem e desordem, acaso e necessidade. Tudo isto está presente no ato de jogar e no praticar esporte. Tudo isto está presente no ato educativo.

PALAVRAS-CHAVE: CORPOREIDADE; JOGO E ESPORTE NA ESCOLA; APRENDIZAGEM.

ABSTRACT

In this century, motricity, movement, games and sports continue to deserve the attention of educators, especially when associated with formal school and aimed at children and adolescents. Thus, one of the reasons of the present text, designed to demonstrate the importance of the experience of games and sports for the incorporation of the sense and the attitude of corporeity in students of Early Childhood and Elementary Education, contributing to a more pleasant, playful education, in which learning is not boring, demotivating, and the students can exercise their ability to move, to be together for the pursuit of citizenship. Fighting for the school teachers to understand and work on

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro

the student body is to pursue a whole body education, leaving aside only the sense of controlling and disciplining the body. At school, the learning corporeity is linked to the possibility of teaching and defending values linked to moral, ethical, aesthetic, technical, and critical improvement in the attempt to turn human relationships into more humane. It is fundamental, at the present time, that the act of educating contemplates the complexity of thinking and dismantles hegemonic rationality based on order, determinism, objectivity and control. For this, it is necessary for the corporeity to be educated taking into account the theory of games, in which the integration of eventualities and determinisms, order and disorder, chance and necessity are present. All this is part of the act of playing and practicing sports. All this is present in the educational act.

KEY WORDS: CORPOREITY; GAMES AND SPORTS IN SCHOOL; LEARNING.

RESUMEN

En este siglo, los temas motricidad, movimiento, juegos y deportes continúan mereciendo la atención de educadores, especialmente cuando asociados a la escuela formal y destinados a los niños y adolescentes. De ahí una de las razones del presente texto, destinado a demostrar la importancia de la vivencia de juegos y deportes para la incorporación del sentido y de la actitud de la corporeidad en alumnos de la Educación Infantil y de la Enseñanza Fundamental, contribuyendo a una educación más placentera, lúdica, en que el aprendizaje no sea aburrido, desmotivante, pudiendo los discentes ejercer su capacidad de moverse, de estar juntos para la búsqueda de la ciudadanía. Luchar para que profesores en la escuela entiendan y trabajen la corporeidad del alumno es buscar una educación de cuerpo entero, dejando de lado sólo el sentido de controlar y de disciplinar el cuerpo. En la escuela, la corporeidad aprendida está vinculada a la posibilidad de enseñar y defender valores vinculados al perfeccionamiento moral, ético, estético, técnico, crítico, en el intento de dejar las relaciones de los hombres más humanos. Es fundamental, en el tiempo presente, que el acto de educar contemple la complejidad del pensar y desmonte la racionalidad hegemónica calca da en el orden, el determinismo, la objetividad y el control. Para ello se impone que la corporeidad sea educada teniendo en cuenta la teoría de los juegos, en la que está presente la integración de eventualidades y determinismos, orden y desorden, acaso y necesidad. Todo esto está presente en el acto de jugar y en el deporte. Todo esto está presente en el acto educativo.

PALABRAS CLAVE: CORPOREIDAD; JUEGO Y DEPORTE EN LA ESCUELA; APRENDI ZAJE.

É verdade, como diz Marx, que a história não anda com a cabeça, mas também é verdade que ela não pensa com os pés. Ou, antes, nós não devemos ocupar-nos nem com sua “cabeça”, nem de seus “pés”, mas de seu corpo.

(Maurice Merleau-Ponty)

Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando um outro mundo. Mais rico, mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde de fato vive.

(Marilena Chauí)

Eu perdi mais de 9.000 lances na minha carreira. Eu perdi quase 300 jogos. 26 vezes eu confiei em fazer o lance final vencedor...e perdi. Eu falhei repetidamente na minha vida. É por isso que eu tenho êxito.

(Michael Jordan)

INTRODUÇÃO

Participar de um dossiê que trata dos temas corpo e movimento inseridos na Educação Básica é considerar essa iniciativa com vistas a sugerir modificações do quadro geral de nosso ensino formal nas escolas, em especial no que diz respeito à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental.

É tradição em nossas instituições de ensino uma educação centrada nos conteúdos, no priorizar a “matéria” para a cabeça dos alunos e não para seu corpo todo, para sua existência. Para isso torna-se natural, em especial no Ensino Fundamental, a permanência dos alunos quietos, sentados, durante horas em salas de aula, recebendo o que Freire (1974) denominou educação bancária.

A denúncia a respeito do corpo imóvel de forma geral, e também na sala de aula, o que contraria a natureza da criança e do adolescente, já faz parte das produções acadêmicas há vários anos no Brasil, através dos escritos de Oliveira (1987), Moreira (1988), Freire (1989), Trovão do Rosário (1999), dentre outros.

Neste século XXI os temas movimento, motricidade, jogo e brincadeira continuam sendo objetos de produção acadêmica, demonstrando a importância destes para a educação de crianças e adolescentes, como nos mostra, dentre outros, Golin (2008), Kishimoto (2010, 2012) e Freire (2012).

Mantendo a preocupação com a educação para essa faixa etária, o presente texto tem como objetivo demonstrar a importância da vivência de jogos e esportes para a incorporação do sentido e da atitude da corporeidade em alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, contribuindo para uma educação mais prazerosa, lúdica, em que a aprendizagem não seja enfadonha, desmotivante, podendo os discentes exercerem sua capacidade de se movimentar, de estar juntos para a busca da cidadania.

O jogo e o esporte, fazendo parte do dia a dia desses alunos, permitem o entendimento do que é participação, responsabilidade, objetivos comuns a serem atingidos, bem como facilitam aos discentes conhecer e saborear princípios fundamentais para o ato educativo como determinação, criatividade, sentimento de pertença ao grupo, princípios estes em falta no momento social de hoje.

JOGO E ESPORTE COMO FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CORPOREIDADE VIVA

Nossa argumentação se inicia por entendermos o sentido de corporeidade não enquanto um conceito, mas como possibilidade de superar a velha ideia de que somos constituídos de corpo e intelecto, ou corpo e alma, ou corpo e espírito, como se estas entidades fossem coisas separadas e que o corpo fosse sempre a parte menor nessa dualidade. Corpo aliás destituído muitas vezes de importância, sendo uma “cruz que tem que ser carregada” para o desenvolvimento da mente e do espírito.

Se isto parece teoria, vamos ao ensino escolar. Quais disciplinas ou matérias, ao longo de nossa passagem pela escola na Educação Básica, trabalhou a importância da vida corpórea? Por quanto tempo o corpo ficou estatico, passivo e inerte nas salas de aula para que a aprendizagem de conteúdos intelectivos fosse assimilada?

Freire (2013, p.109) nos apresenta uma bela alegoria para atestar o disciplinamento corporal de crianças e adolescentes na escola. Partindo da argumentação de melhor rendimento e maior lucro, mostra que “Porcos, vacas, suponha ainda que galinhas, perus e outros animais de pelo e

penas, confinados, não só engordam mais, como produzem mais leite e carne, botam muitos ovos e fazem menos sujeira.” Freire (2013, p. 114) ainda indica que este procedimento está presente nas salas de aula das escolas. “Métodos de confinamento e engorda. Aplicáveis indiferentemente a porcos, vacas, galinhas e homens. Atesta-o a metodologia do traseiro, a mais cruel e frequente nas nossas escolas. Crianças confinadas em salas e carteiras...”.

Lutar para que a escola trabalhe a corporeidade do aluno é buscar uma educação de corpo inteiro, deixando de lado o sentido de controlar e de disciplinar o corpo em nome de conhecimentos necessários para o futuro. Quando a educação é para o futuro, deixamos de viver e saborear o presente.

Claro está que não estamos a destruir a necessidade de um ensino que vise necessidades futuras, mas, questionamos ser esta apenas a maneira de se encarar educação, pois aí a criança e o adolescente não têm tempo de viver a sua idade, tendo o passar das horas diárias em: aula na escola; aula de inglês; aula de computação; aula de lutas... enfim, o dia tomado e não permitindo que esses seres humanos sejam crianças e adolescentes.

Ser criança é também viver imaginando, sonhando, brincando, construindo castelos, compartilhando segredos e necessidades, correndo ao sabor do tempo e da hora, buscando satisfação na presença do lúdico em sua vida.

Mais uma vez, isto não significa deixar de aprender cognitivamente e nem de buscar transcendência nas mais variadas formas possíveis. Significa, isto sim, oferecer aos infantes tudo isto ao mesmo tempo.

Centrando agora mais a preocupação em relação à corporeidade, certa vez escrevemos que ela não é tema que vai salvar o mundo, mas vai deixá-lo mais humano. “Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. [...] É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura.” (MOREIRA, 2013, p. 149).

A corporeidade da criança e adolescente merece ser respeitada, educada na escola e no dia a dia, buscando-se o contexto de suas vidas. Assim conseguiremos reverter o sentido de educação altamente especializada e racionalizada para essas faixas etárias.

Gallo e Zeppini (2016) mostram a importância de superarmos a visão educacional calcada no dualismo psicofísico ainda presente hegemonicamente em nossa história. Se ela permanecer, ao mesmo tempo em que racionalizamos conhecimentos para a cabeça, no futuro vivenciaremos o culto ao corpo através das malhações em academias, das cirurgias plásticas na medicina, sempre no entendimento de um corpo defeituoso que deve ser reparado em sua mecânica (aliás isto já acontece hoje, não?). Continuaremos na dimensão do corpo-objeto (MERLEAU-PONTY, 2011) o qual deve ser moldado, melhorado e justificado em nome de um modelo produtivista e consumista. Propugnar a corporeidade é caminhar na trilha da superação deste modelo, em direção ao corpo-sujeito.

Ainda com a preocupação da manutenção do dualismo mencionado no parágrafo anterior, Moreira e Simões (2016) indicam que em nossa cultura de consumo o corpo é idealizado como saudável, jovem, eternamente belo, tudo isto propiciando o aparecimento da indústria de cosméticos, de alimentação saudável, de academias de ginástica, propostas essas vinculadas ainda ao sentido de corpo-máquina a ser melhorado em seu desempenho. Vivenciar a corporeidade certamente nos faz abandonar a concepção de objeto destinada ao corpo, propiciando um estar no mundo diferente do que o até aqui vivenciado.

Uma primeira constatação já se faz necessária. Vamos fazer um exercício de olharmos e

analisarmos corpos crianças e adolescentes em duas situações diferentes: a primeira, quando corpos infantis estão em sala de aula as expressões que encontramos são de desânimo, de desprazer, de sono e apatia; a segunda, quando esses mesmos corpos estão participando de um jogo vemos, sem nenhuma dúvida, expressões de energia, de prazer, de empenho em realizar as atividades propostas. Por que não utilizarmos mais os jogos em salas de aula e/ou nos ambientes escolares? Esta pergunta não nos parece em nenhum momento absurda ao defendermos a presença da corporeidade na escola.

Então como o jogo e o esporte podem colaborar para assumirmos a corporeidade? Mais ainda, como esses elementos podem auxiliar em uma educação de crianças e adolescentes para o existencializar da corporeidade?

Para responder a estes questionamentos não vamos pelas trilhas da definição dos termos jogo e esporte por dois motivos: primeiro, são termos complexos e por essa razão merecedores de uma leitura em que as interpretações possam ser tecidas juntas; segundo, até hoje especialistas no assunto não conseguiram delimitar até que ponto vai o sentido do jogo e quando começa a definição de esporte, pois ambos têm momentos e finalidades sobrepostas em muitas situações.

Participar do processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes é estar compromissado com o desenvolvimento de valores que garantam a vivência ética. Isto pode ser alcançado na presença do jogo e do esporte nos moldes aqui defendidos. Mais que fornecer conhecimento, é fundamental a criação de atitudes que propiciem o bom viver, este demarcado por conquistas de paz, de autonomia, de respeito ao próximo e à natureza, de convivência verdadeiramente humana.

O compromisso mencionado anteriormente pode receber contribuição para seu alcance a partir de uma educação em que o ensino-aprendizagem do jogo e do esporte esteja se efetivando. No final do século passado e já neste século, acontece no Brasil, reflexo de influências de autores do exterior, um grande movimento a se comprometer com a pedagogia do esporte, “[...] construindo e acumulando conhecimentos teórico-práticos para sua intervenção em diferentes cenários, personagens, significados e finalidades.” (SCAGLIA; REVERDITO, 2016, p. 45-46) Dizem mais os autores dessa afirmação: “O desafio posto à pedagogia do esporte foi o de garantir e ampliar as possibilidades para todos, como direito fundamental, de conviver com o esporte em suas diversas dimensões.”

Vemos uma grande produção sobre o tema calcada em Greco (1998), Paes (2002), Freire (2002, 2012), Galatti *et al.* (2014) e Scaglia; Reverdito e Galatti (2014), como autores de grande divulgação em se tratando de pedagogia do esporte.

Nessa pedagogia há pressupostos interessantes a serem apresentados: o esporte tem em sua gênese o jogo; o esporte nunca deixa de ser um jogo; o jogo é um fenômeno sistêmico e complexo; o ambiente onde é jogado determina valores para ele e este é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo. Por sinal, entender o esporte como jogo é de suma importância para a produção de propostas pedagógicas para o esporte (SCAGLIA; REVERDITO, 2016).

Na verdade o que estamos a advogar, para uma corporeidade aprendente, é a utilização de propostas pedagógicas hoje disponíveis sobre jogo e esportes para o dia a dia da sala de aula, mesmo porque a partir delas poderemos ensinar e aprender mais que conceitos, adquirindo atitudes para o bom viver no que diz respeito às relações humanas. Uma educação que se apropria de princípios do jogo e do esporte certamente colabora para a formação de um adulto autônomo e crítico. Isto nos leva a Bento (2016, p.25):

O mesmo é dizer que sobre nós, professores e educadores, pesa o imperativo de configurar uma educação voltada para o tempo e a humanidade presente, reconciliada com os seus problemas e premências, capaz de lançar as raízes sólidas do futuro para os que o hão de vier como presente. (BENTO, 2016, p.25)

O mesmo autor alerta para a necessidade de se tomar a sério a educação do presente para ser vivenciada no futuro, demarcando para isto alguns argumentos dos quais destacamos: abandonar o sentido de uma educação centrada em apenas gozar a vida centrada numa ética indolor, considerando que isto pode contribuir para a morte das utopias; fugir dos sentimentos de desalento, de desamparo, do conformismo, investindo numa visão esperançosa na construção de novos projetos educacionais coletivos que sejam ambiciosos e de largos horizontes; buscar identificar as possibilidades do novo em que se possa contextualizar e valorizar o inédito; não constituir um legado para as novas gerações que possa ser resultando dos problemas e do lixo vivido na atualidade (BENTO, 2013).

A educação, e isto é uma constatação histórica, sempre está vinculada à possibilidade de ensinar e defender valores atrelados ao aperfeiçoamento moral, ético, estético, técnico, crítico, na tentativa de deixar as relações dos homens mais humanas.

Mais um argumento importante de Bento (2013, p. 34-35):

Enstein (2005) já constatava os conteúdos ensinados nas escolas, focados em conhecimentos específicos para uma vida futura dos estudantes, pois ressaltava que as exigências que eles enfrentarão na vida variam de acordo com suas experiências e com o contexto em que vivem. É o próprio indivíduo que deve estar apto a lidar com as situações com que se defrontar. Em vez de as escolas formarem especialistas, devem se preocupar com a personalidade dos futuros profissionais. (BENTO, 2013, p.34-35)

Associar experiência vivida com o ensino de valores é missão da escola. Para isto a prática de jogo e do esporte pode colaborar. O mundo do jogo pode ser acessado de livre e espontânea vontade, mas a partir de sua escolha ele exige o cumprimento de obrigações acordadas para se jogar.

No jogo e no esporte encontramos valores impressindíveis a uma vida ética, tanto no sentido individual quanto coletivo.

Bento (2013, p.95) afirma: “A forma humana, a saúde e a felicidade, a vida, boa e a arte de viver prendem-se também com a competência para jogar.” Diz mais o autor mencionando uma afirmação de Schiller que “[...] o homem só é homem quando joga, perdendo o sentido humano quando nele esmorece e fenece a disponibilidade para jogar.”

Parece sólida a evicência da importância do jogo para a educação e ela deve ser cultivada desde o ser criança e adolescente. Isto, provavelmente, implica na discussão do problema em várias estâncias, inclusive na formação de professores para o Ensino Fundamental. Também não estamos aqui referenciando a Educação Infantil porque nela o respeito à motricidade da criança e o aparecimento dos jogos estão mais presentes no dia a dia dos alunos; mas, até aqui o sentido qualitativo do jogo pode ser melhorado.

Muitos professores ainda exorcizam o conhecimento dos jogos e dos esportes na escola com argumentação de que estes propiciam a competição e esta, por sua vez, deve ser evitada. Aos que assim ainda pensamos perguntamos: A vida humana pode se manter sem competição? Os processos vitais para o corpo humano não garantem a vida através da competição? As respostas

a estas indagações podem sugerir que a competição não é o problema, e sim que valor eu dou a ela. Mais alguns argumentos sobre o assunto retirados de Bento (2013, p.96):

A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição, susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor. (BENTO, 2013, p.96)

Estamos presenciando nos tempos atuais uma crise axiológica, no que diz respeito aos princípios humanistas e culturais. Prova disto basta assistir diariamente jornais televisivos ou acessar *sites* disponíveis em nossos celulares ou *ipads*. Há valores nos jogos e nos esportes que podem, se veiculados no interior das escolas através do conhecimento e prática dos mesmos, atingir o ser criança e adolescente favorecendo a criação de hábitos que colaboraram com mudança de atitudes. Nisto acreditamos e, mais uma vez recorremos a Bento (2013) quando demonstra que o esporte pode influenciar novas atitudes no momento em que o aluno do Ensino Fundamental aprende a: colocar paixão naquilo que se faz mobilizando esforços para atingir objetivos propostos; exercitar a disciplina para administrar o tempo de cada dia; agir no cumprimento de regras do jogo, respeitando os adversários; desenvolver as capacidades de resistir e persistir frente a alguns insucessos; assumir responsabilidades e aceitar críticas; cultivar a imaginação e a criatividade para a solução de problemas.

Vê-se, desta forma, a importância da presença do jogo e do esporte no interior da escola. Então volta a pergunta a nos incomodar: Por que não utilizamos desses elementos para contribuir com a formação crítica, criativa e humana das crianças e adolescentes na escola? Corporeidade que joga e pratica esportes, desde a escolarização inicial, certamente colabora para a formação de um adulto crítico e ético.

A corporeidade aprendente, nos dizeres de Moreira *et al.* (2006, p. 140) “[...] requer considerar a educação como uma experiência profundamente humana”, por esse motivo ser uma aprendizagem da cultura. Os mesmos autores ainda enfatizam:

A corporeidade, ao participar do processo educativo, busca compreender o fenômeno humano, pois suas preocupações estão ligadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura. Para essa aprendizagem não é possível reduzir a estrutura do fenômeno humano a nenhum de seus elementos. Há que utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica. (MOREIRA *et al.*, 2006, p. 140)

Vivenciar o jogo e o esporte propicia o entendimento do todo, do contexto, sem o que o sentido, o sabor e a paixão, características do jogar, se dissolvam e o encanto se desmanche. Aprender jogando, se movimentando, saindo da carteira e explicitando a liberdade da corporeidade modifica nossa relação com o processo ensino-aprendizagem.

Moreira *et al.* (2006), apoiados em Morin (1999), indicam que a educação neste novo século exige a complexidade do pensar e o desmonte da racionalidade hegemônica calcada na ordem, no determinismo, na objetividade e no controle. Para isso impõe-se que a corporeidade seja educada levando em consideração a teoria dos jogos, na qual está presente a integração de eventualidades e determinismos, ordem e desordem, acaso e necessidade. Tudo isto está presente no ato de jogar e no praticar esporte.

Escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental não podem abrir mão desse recurso,

tanto no que diz respeito aos seus conhecimentos quanto à sua oportunidade didática e implantar nessas fases de escolarização a presença do jogo e do esporte.

Finalmente, reforçando o respeito ao ser criança e adolescente insistimos em enaltecer a necessidade desses seres exercitarem o movimento para o desensolvimento de sua motricidade”, pois como diz Sérgio (1999, p.23) “O movimento não é um suplemento que se acrescenta à coisa, mas um ingrediente do seu próprio estatuto ôntico”. Diz mais Sérgio (1999, p.27):

Na motricidade humana, a primeira evidência é o corpo. Mas um corpo que excede o corpo físico objectivo, pois que o corpo manifesta um excesso de viver encarnado, o que requer pensá-lo, não do exterior, mas desde dentro. Vejamos: o corpo é uma construção social, cultural e política.(SÉRGIO, 1999, p.27)

Jogar, conhecer e praticar um esporte, proporcionam o “excesso de viver encarnado”, respeitando o estatuto do ser criança e adolescente na perspectiva ontológica. A escola, em especial nos momentos destinados à Educação Infantil e à Primeira Fase do Ensino Fundamental, tem que cumprir a missão de favorecer a explicitação de um aluno destinado a ser livre e a buscar sua vivência cidadã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos crianças e adolescentes participantes das fases iniciais do processo de escolarização interessados na aprendizagem? Se a resposta for afirmativa, jogar é preciso.

Um alerta ainda se faz necessário. A missão de propiciar o jogo não pode estar apenas atrelada à disciplina Educação Física na escola. Deve ser, isto sim, uma responsabilidade de todos os professores e constar inclusive dos projetos políticos pedagógicos das escolas. Com isto estamos a afirmar que jogar é atitude e não mera estratégia de ensino ou conteúdo de uma determinada disciplina curricular.

Claro que à Educação Física, além de valorizar o sentido do jogo, cabe a responsabilidade de ofertar para esta fase de escolarização um maior número de grandes jogos atrelados aos mais diversos esportes, sempre visando o desenvolvimento do repertório motor dos discentes, deixando de lado a preocupação com especializações precoces em modalidades esportivas.

As ideias estão colocadas e a argumentação explicitada na escrita, o que demanda a partir de agora tomada de posicionamento em relação aos pontos apresentados. A decisão é do professor que trabalha com crianças e adolescentes, sabendo que mudar causa incertezas e amplia o medo do novo.

Se jogar é preciso, também o é mudar. Interessante a metáfora produzida tempos atrás por Abramovich (1998). Ela diz que costumamos ter em casa aquele chinelo velho, todo já carcomido, mas que o amamos e nos parece imprescindível. Não vemos a hora de chegar em casa e retirar nossos sapatos, nossos tênis, nossas sandalhas, e colocar o velho chinelo confortável. Mas, lembra-nos a autora que só utilizamos esses chinelos quando não vamos sair de casa ou quando não vem nenhuma visita importante ao nosso lar. Não estará na hora de nós professores jogarmos fora nossos velhos e confortáveis chinelos?

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **O professor não duvida, duvida?** São Paulo: Editora Gente, 1998.
- BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: discurso e substância**, Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física / Campinas: Unicamp, 2013.
- BENTO, Jorge Olímpio. Para onde caminha a educação? Qual é o ideal que a guia?, In: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs) **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016, p. 11-41.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**, São Paulo: Scipione, 1989.
- _____. **Jogo: entre o riso e o choro**, Campinas: Papyrus, 2002.
- _____, **Ensinar esporte, ensinando a viver**, Porto Alegre: Ed. Mediação, 2012.
- _____. MÉTODOS de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...). In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.) **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 2013, p. 109-122.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, *Riller Silva*; SCAGLIA, *Alcides José*; PAES, *Roberto Rodrigues*; SEGANE, *Antonio Montero*. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.
- GALLO, Silvio; ZEPPINI, Paola Sanfelice. “O que pode um corpo?": perspectivas filosóficas para a corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016, p. 107-131.
- GOLIN, Carlo Henrique. O jogo: possibilidades pedagógicas em educação motora, In: GOLIN, Carlo Henrique; PACHECO NETO, Manuel; MOREIRA, Wagner Wey (Orgs.) **Educação Física e motricidade: discutindo saberes e intervenções**, Dourados: Siriema Editora Ltda, 2008, p. 25-48.
- GRECO, Pablo Juan (Org.) **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**, Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- KISHIMOTO, Tizuko Morachida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**, São Paulo: Cortez, 2010.
- _____, **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**, Petrópolis: Vozes, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MOREIRA, Wagner Wey. Educação e desordem: um binômio a ser alcançado, **Revista Impulso**, Piracicaba, v.2, n. 3, 1988, p. 13-19.

_____. **Croniquetas**: um retrato 3x4, Piracicaba: Unimep, 2013.

MOREIRA, Wagner Wey, PORTO, Eline Tereza Rosante; MANESCHY, Pedro Paulo Araújo; SIMÕES, Regina. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. *In*: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas: Papirus, 2006, p. 137-154.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina, Educação física, esporte e corporeidade: associação indispensável, *in*: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**, Campinas: Papirus, 2016, p. 133-149.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de (Org.). **Fundamentos pedagógicos**: educação física 2, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental, Canoas: Ulbra, 2002.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, *Riller Silva*; GALATTI, Larissa Rafaela. Contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. *In*: MARINHO Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira; OLIVEIRA, Amauri A. Bassoli (Orgs) **Legado dos esportes brasileiros**, Florianópolis: Udesc, 2014, p. 45-86.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Rilles Silva, Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI, *in*: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**, Campinas: Papirus, 2016, p. 43-72.

TROVÃO DO ROSÁRIO, Alberto. A motricidade humana e a educação. *In*: SÉRGIO, Manoel (Org.) **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 31-60.

RECEBIDO 24/08/18

APROVADO 14/08/18

SOBRE O AUTOR:

WAGNER WEY MOREIRA. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973), graduação em Pedagogia, Habilitação em Administração e Orientação Educacional pela Faculdade de Educação Osório, Campos-RJ (1978), graduação em Pedagogia, Habilitação em Supervisão Escolar pela Faculdade de Educação Dom Bosco (1983), mestrado em Educação (Filosofia) pela Universidade Metodista de Piracicaba (1985), doutorado em Educação (Psicologia Educacional) pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e Livre Docência pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi um dos criadores da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, exercendo aí as funções de Coordenador de Graduação e Diretor Adjunto, bem como professor dos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado dessa Faculdade. Foi professor Titular III da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP,

atuando nos cursos de graduação, mestrado e doutorado nas áreas da Educação e Educação Física, sendo aí Diretor de Faculdade e Coordenador de Mestrado. É consultor *ad hoc* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, parecerista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e membro de comissões editoriais de revistas científicas da área da Educação Física e Desporto e da Educação. Já orientou 75 dissertações de mestrado e 13 teses de doutorado defendidas e aprovadas. Publicou mais de uma dezena de livros, alguns já com elevado número de edições, dos quais se destacam: Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI (Papyrus); Coleção (4 livros) da Educação Física para a Educação Básica (Cortez); em companhia de Jorge Olímpio Bento - Homo Sportivus: o humano no homem (Casa da Educação Física). Tem experiência nas áreas da Educação e da Educação Física e Desporto, atuando principalmente nos seguintes temas: corporeidade, desporto, educação física escolar, formação profissional e pedagogia do movimento. Como base epistemológica, desenvolve trabalhos associando Educação, Educação Física e Desporto com a fenomenologia (em especial Merleau-Ponty) e com as teorias da complexidade (em especial Morin). É líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento - NUCORPO/CNPq. Atualmente é professor do Curso de Graduação e Mestrado em Educação Física e do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. UFTM. Exerce a função de Coordenador do Programa de Mestrado em Educação/UFTM. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Educação.